

AUTOMEDIAÇÃO E CONSTRUÇÃO COGNITIVA

Diana Araujo Pereira

RESUMO. Este ensaio parte de minhas próprias experiências formativas, acadêmicas e pessoais (ambas em sentido multidimensional), e tem por objetivo compartilhar ideias elaboradas e postas em prática na minha trajetória discente e, posteriormente, na minha atuação docente, para então refletir sobre o desenvolvimento da cognição como processo evolutivo vinculado aos âmbitos pessoal e social. A automediação é um conceito que proponho, com a intenção de abarcar uma dimensão pouco observada, aquela estabelecida mediante a relação e retroalimentação entre as prioridades evolutivas pessoais e as condições vigentes para a formação educacional. E, de maneira mais ampla, entre os extremos antagonísticos que conformam a base do pensamento ocidental.

Palavras-chave: Automediação; Interculturalidade; Ensino-Aprendizagem.

INTRODUÇÃO

Este ensaio tem por objetivo compartilhar uma trajetória pessoal tensionada por muitos questionamentos e reflexões que, com o tempo, foram construindo um caminho acadêmico marcado pela busca da autonomia, embora sempre automediado. Em outras palavras, uma trajetória pessoal marcada pela relação, mais ou menos conflitiva, entre conhecimentos inatos e intuitivos e o *modus operandi* que institucionaliza o conhecimento no mundo ocidentalizado.

A construção de processos cognitivos pode ser gradual e contínua, como também pode ser alavancada por situações e contextos específicos que tenham a capacidade de alterar um determinado padrão e, por sua vez, possibilitem saltos importantes. Concedemos à educação formal (escola, universidade, cursos) o dever e a obrigação da construção de aprendizados específicos, mas também da construção de maneiras de aprender. Neste ensaio, interessa-me refletir sobre o desenvolvimento da cognição vinculado ao seu processo, a como aprendemos, e não vinculado a conteúdos específicos. A educação formal, nesse sentido, tem muitas limitações, pois está atrelada a um escopo do conhecimento de caráter racional e eurocentrado, com base em algumas línguas e culturas. Ou seja, ao conhecimento (como conteúdo) e às formas de aprender determinadas por uma geopolítica do conhecimento construída ao longo dos últimos séculos, ou ao longo da modernidade. Esta base que direciona todo o processo de aprendizagem e, portanto, de construção cognitiva, é excludente e hierárquica, privilegiando alguns aspectos e desprezando outros.

Por isso é fundamental que junto à educação formal, escolar ou universitária, tenhamos acesso a outros espaços de educação não formal, com o acréscimo de fontes de instrução que articulem outros formatos como, por exemplo, leitura de livros, visitas a museus e galerias de arte, cinema e teatro, etc. Porém, estes ainda são âmbitos majoritariamente restritos e restritivos à mesma geopolítica do conhecimento sobre a qual nos construímos como seres cognoscentes.

Para que, de fato, possamos vivenciar processos cognitivos ampliados (em sentido inclusivo, intercultural e, portanto, universalista) é necessário ir mais longe e preparar-se para uma aventura mais ambiciosa. Em outras palavras, para percorrer perspectivas diferentes às referendadas pelo *status quo*, mediante a transição por pontes que tenham a capacidade de conectar diferentes paradigmas do conhecimento – pontes interparadigmáticas¹ – há que se incluir, necessariamente, um olhar horizontal dirigido a todas as culturas e línguas, pois todas constroem conhecimento. E, por outro lado, é necessário se deixar guiar por um sentido mais abstrato que o racional, que pode ser chamado de intuitivo.

Segundo o Dicionário Básico de Filosofia, a definição mais simples de intuição seria esta: “Intuição (lat. intuitio: ato de contemplar) Forma de contato direto ou imediato da mente com o real, capaz de captar sua essência de modo evidente, mas não necessitando de demonstração” (Japiassú, H.; Marcondes, 2001). Tal definição vem a ser complementada pela elaboração conscienciológica que, por sua vez, amplia-a ao incorporar a condição multidimensional de tais apreensões:

Fenômeno de percepção instantânea e de claro conhecimento íntimo através da apreensão, captação súbita de pensamento ou ideia, pela pessoa, sem a intervenção de qualquer processo racional. Quando ocorre durante uma projeção consciente é a intuição extrafísica e proporciona a aquisição de ideias extrafísicas originais.²

A percepção intuitiva vai, portanto, em sentido contrário ao escolar, podendo inclusive chocar-se com ele. O que quero dizer é que, em geral, a instituição educativa tem como prioridade a homogeneização de formas e conteúdos. Todos os/as alunos/as devem aprender os mesmos conteúdos e serem capazes de responder, em uma avaliação, com as mesmas categorias, dados, conceitos e linguagem. É impossível, em qualquer ambiente escolar,

1 “A ponte interparadigmática é a abordagem, assunto, termo, tema, conceito, construto, prática ou elemento permitindo a conexão, geralmente controversa, entre dois ou mais paradigmas e a consequente interlocução entre as respectivas comunidades científicas, intra e extrafísicas.” In: <http://encyclossapiens.space/buscaverbete/index.php> Consultado em: 21 jul 2020.

2. In: <https://iipc.org/as-ciencias-2/projeciologia/fenomenos-parapsiquicos/intuicao/>. Consultado em: 10 de ago 2020.

escrever uma poesia para responder a uma prova de matemática, de biologia ou mesmo de língua portuguesa, por exemplo. Há uma linguagem consagrada como escolar ou acadêmica, que normalmente funciona como uma caixa. Aprender, neste contexto, é conseguir restringir o conhecimento inato e a sua manifestação aos contornos inteligíveis e consensuados para caber na caixa. Como afirma a filósofa Mosé (2019, p. 53) “foi em função da criação das categorias lógico-gramaticais do discurso que a linguagem passou a ser uma dispersão e não uma afirmação de forças; em outras palavras, a lógica [...] impôs uma identidade ao discurso que não apenas nivela, mas diminui, enfraquece, submete”.

Sem desconhecer a necessidade de termos um solo comum sobre o qual pisar, desta forma mantendo a comunicabilidade e a sociabilidade, precisamos nos perguntar sobre como construir autonomia e criatividade, contrabalançando e mediando ambas as necessidades. Autonomia e criatividade são palavras chaves para a cognição. Como reconhecer, na mesma direção, a potencialidade e comunicabilidade do próprio corpo no jogo incessante de renovação de sentidos que é a vida?

O corpo é um complexo sistema de comunicação, e o pensamento consciente é apenas a superfície de uma comunicação maior que faz parte do modo de ser da própria vida. A vida é um processo de comunicação e de interpretação infinitas, por isso, a linguagem humana, que se sustenta em uma convenção, é possível, porque sua função é traduzir uma comunicação muito mais ampla que acontece em função da vida orgânica (Mosé, 2019, p. 50).

Se a razão se constrói no Ocidente como conduta *sine qua non* para o pensamento – hegemонizando outras formas de produzir conhecimento, consideradas inferiores ou primitivas – para ampliar nossa capacidade de abertismo talvez tenhamos que desandar o caminho que nos restringiu o percurso do animal racional ao animal simbólico (possuidor da linguagem) e moral (possuidor de determinadas interpretações e valores, apoiados na linguagem), forjados no âmbito da monocultura eurocêntrica. O abertismo cognitivo torna-se, neste contexto, sinônimo de autonomia e pedra de toque para o desenvolvimento da criatividade que alcança termos diversos na construção cognitiva.

[...] a razão não quer dizer somente capacidade de falar e pensar, de criar códigos e relacioná-los, mas de pensar de uma forma específica: organizada, esclarecida, sem contradições, distante das emoções, e tendo como alvo o incondicional, o imutável, o Ser, a verdade. A razão neste segundo sentido não se refere mais à potência de pensar, mas a um pensamento com valores específicos e determinados. Foi esse sentido da palavra razão que os gregos clássicos criaram (Mosé, 2019, p. 103).

Sem a postura pessoal aberta à alteridade, dificilmente o paradigma eurocentrado, limitado pela sua própria entropia, poderá conhecer as mutações necessárias para o avanço do sentido primigênio e fecundante do conceito de razão. Para cumprir sua própria evolução cosmoética, a razão ocidental deverá, necessariamente, aplicar sobre sua própria condição mentalsomática os atributos do abertismo, ampliando, assim, sua capacidade motriz de pensamento consciente, ou de abrigo para a “potência de pensar” (Mosé, 2019).

Se, como parte da construção da racionalidade ocidental (hegemonizada pela maneira, pela forma de pensar advinda da cultura greco-latina), o corpo e seus sentidos foram alijados da produção de conhecimento, por serem fomentadores do erro e da falsidade, em oposição à essência e à Verdade (em maiúscula) do mundo das ideias, para ampliar o caminho teríamos que reconsiderar a corporalidade³. E com isso interceder pelas diversas e distintas formas/maneiras de pensar e construir conhecimento que ficaram de fora, por se implementarem a partir de outras linguagens ou metodologias.

Talvez seja o momento de reconhecer o *caos* que convive com o *cosmos*; reconhecendo, portanto, a complexidade das elaborações cognitivas que o ser humano seria capaz de alcançar, se em lugar de buscar a “Verdade”, buscasse as pequenas e momentâneas verdades capazes de construir um universo complexo, porém integrado, de valores e princípios éticos (e cosmoéticos) para o desenvolvimento dos seres, em sentido ampliado.

No contexto atual surgem várias vozes que clamam pela revisão dos paradigmas simplificadores da construção do conhecimento que, com o tempo, passaram a se chamar filosofia e, em seguida, ciência:

A ciência moderna só pôde emergir na efervescência cultural da Renascença, na efervescência econômica, política e social do Ocidente europeu dos séculos 16 e 17. Desde então, ela se associou progressivamente à técnica, tornando-se tecnociência, e progressivamente se introduziu no coração das universidades, das sociedades, das empresas, dos Estados, transformando-os e se deixando transformar, por sua vez, pelo que ela transformava. A ciência não é científica. Sua realidade é multidimensional. Os efeitos da ciência não são simples nem para o melhor, nem para o pior. Eles são profundamente ambivalentes. Assim, a ciência é, intrínseca, histórica, sociológica e eticamente, complexa. É essa complexidade específica que é preciso reconhecer. A ciência tem necessidade não apenas de um pensamento apto a considerar a complexidade do real, mas desse mesmo pensamento para considerar sua própria complexidade e a complexidade das questões que ela levanta para a humanidade (Morin, 2005, p. 8).

³ Experiências vividas, diferente de corpo no aspecto anatômico e fisiológico.

Somam-se a tais complexidades, aquelas oriundas das experiências e percepções que vão mais além da dimensão física ou biológica, constituindo-se como experiências multidimensionais que podem alcançar energias, sentimentos, pensamentos, incluindo-se as vivências oníricas, místicas ou simplesmente espirituais, segundo diversas tradições. Embora tais experiências e percepções sejam contínua e amplamente vivenciadas em graus muito diversos, não são admitidas no âmbito científico, nem mesmo sob a condição da dúvida que é, por sua vez, a base de construção e avanço do próprio conhecimento. Esta limitação seria, para Silva (2017), um megaparadoxo que incapacita ou limita o fazer científico.⁴

Retornemos à etimologia da palavra ciência (do latim *scientia*: saber, conhecimento): “Em seu sentido amplo e clássico, a ciência é um saber metódico e rigoroso, isto é, um conjunto de conhecimentos metodicamente adquiridos, mais ou menos sistematicamente organizados, e suscetíveis de serem transmitidos por um processo pedagógico de ensino”. E agora vinculemos este sentido de ciência a essa outra forma de conhecimento que é a intuição, admitindo que entre o pensamento científico e o intuitivo possa haver uma relação complementar e não contraditória, e teremos as condições propícias para pensarmos de modo mais aberto, abarcando lógicas⁵ diversas que se interconectam e interagem, potencializando-se entre si, produzindo muito mais possibilidades e extrapolações.⁶

1. AUTOMEDIAÇÃO

Desde pequena sempre gostei muito de ler. Lia todo e qualquer livro que caísse em minhas mãos. E gostava muito de cantar. Fazia coleção de letras de música e, mais tarde, aprendi que elas também eram parte da literatura, eram poesia. A arte que se constrói com a palavra sempre foi, para mim, um âmbito de aprendizagem, uma via para construir conhecimentos a respeito do mundo, mas também a respeito de mim mesma. Longe de serem uma distração, eram uma forma de apreensão do mundo, de diálogo e relação com as realidades próximas e distantes.

Com o tempo, aprendi que há corredores multidimensionais que conectam realidades separadas pelo espaço e o tempo, sejam elas desta ou de outras vidas

4.In:<https://www.youtube.com/watch?v=ktqEPILoTio>. Conscienciologia – Ciência: Megaparadoxo E Ilusão da Ciência Convencional. Consultado em 10 de ago 2020.

5.Lógica (lat. *logica*, do gr. *logike*, de *logos*: razão) I. Em um sentido amplo, a lógica é o estudo da estrutura e dos princípios relativos à argumentação válida, sobretudo da inferência dedutiva e dos métodos de prova e demonstração. In: Japiassu (1990).

6.Como afirma Kauati, Adriana (2016): “A extrapolação interparadigmática é uma extensão da interdisciplinaridade, quando conceitos e técnicas de uma ciência de determinado paradigma, são utilizados em pesquisas com base paradigmática diferente. [...] A extrapolação interparadigmática otimiza o desenvolvimento das ciências, através do aproveitamento de extensas pesquisas realizadas por especialistas. Porém, demanda do pesquisador flexibilidade mental e abertismo para ideias diferentes.”

com experiências pessoais e coletivas diversas⁷. Estes corredores formavam-se com palavras escritas em livros ou cantadas em canções. Recordo uma vez, quando me sentei em uma calçada, na rua, para ler um romance, antes de entrar para trabalhar, porque havia chegado muito cedo ao local. Depois de algumas páginas, levantei os olhos e não sabia onde estava. Eu demorei alguns segundos para me lembrar o que eu estava fazendo ali, naquele lugar que me pareceu absolutamente desconhecido⁸. Nesse lapso, eu estava com o meu corpo na calçada, mas uma boa parte da minha consciência estava na Iugoslávia, no local e no tempo do romance.

Nos anos seguintes, tive muitas experiências pessoais vinculadas ao trabalho artístico (e sobre isso eu poderia me estender com inúmeros exemplos, como extrapolações e retrocognições oriundas da abertura multidimensional provocada pelas artes), ativadas pelas suas diversas linguagens, que me propiciaram um intenso processo de autoconhecimento.

Antes, porém, quando eu ainda era criança (por volta de 11, 12 anos), lembro-me de ler revistas que meu pai tinha em casa, os *Cadernos do Terceiro Mundo*, de caráter sociopolítico⁹. Ao acabar a leitura, sentia-me retornando de uma viagem, como se realmente estivesse estado ausente da minha casa, da minha realidade próxima.

A leitura sempre teve esse efeito sobre mim, fosse ela artística ou de outra natureza; funciona como uma porta para onde a minha consciência viaja e, ao retornar, sente o estranhamento de ter que novamente se encaixar na realidade imediata. Conhecer, para mim, sempre foi, portanto, deslocar-me para outras realidades, ir para longe de mim mesma. Nessas viagens, aprendia muito mais do que na maioria das aulas que tive na escola.

Este processo de conexão, através das letras de música, ou da poesia, tinham outro sentido: levavam-me para emoções e sentimentos diversos daqueles mais cotidianos e intrafísicos. Algumas canções se tornaram amigas inseparáveis, pois só de começar a entoá-las sentia-me inundada por uma profunda e sincera alegria. Outras foram sendo descartadas, porque me enchiam de emoções como angústia e dor. A relação com a poesia, com a canção, era de ordem mais sen-

7. Uma das definições de multidimensionalidade oferecida pela Conscienciologia é esta, emitida por Waldo Vieira (2007, p. 915): “condição da existência em diversas dimensões inerente à consciência, com o uso propositado, intencional e adequado da autoconsciencialidade enquanto intrafísica [...] para a vida atuante, simultânea, entre múltiplas esferas conscienciais, em vivência universalista, ímpar”.

8 Segundo a Conscienciologia, há um fenômeno parapsíquico que talvez pudesse responder a esta inquietação: a clarividência viajora. Veja-se: <https://iipc.org/as-ciencias-2/projeciologia/fenomenos-parapsiquicos/clarividencia-viajora/>. Consultado em 11 de ago 2020. De fato, vários fenômenos que me ocorriam desde a infância, aos quais eu chamava secretamente de “minhas maluquices”, encontram na Ciência Conscienciológica várias elaborações interessantes e produtivas.

9 Revista fundada em 1974 em Buenos Aires e encerrada em 2006. O objetivo da revista foi o de cobrir notícias e processos de desenvolvimento dos países como África, Ásia, América Latina e Caribe, Oriente Médio e Oceania, denominados Terceiro Mundo. Atualmente esses países são denominados Sul Global.

timental, porém tão fundamental quanto a outra; ambas se complementavam, construindo em mim um *sentipensar*¹⁰ determinante para a minha trajetória.

Foram algumas canções que me sustentaram, emocionalmente, nos momentos mais difíceis da minha vida, que não foram poucos. Hoje entendo que há certas canções que me ajudaram a desassimilar (ou eliminar os pensenes de) determinadas dores que, naqueles momentos, poderiam ter-me paralisado e me desviado totalmente da rota de vida que me trouxe até aqui. Portanto, tenho pela poesia e pelas canções uma enorme gratidão e afeto, pois essa linguagem tem seus próprios amparadores especializados em nos tocar pela via da sensibilidade. Aliás, aqui cabe certa digressão sobre a noção de amparo, cuja ação acolhedora e esclarecedora pode se dar tanto como ajuda e colaboração intrafísica quanto extrafísica. Há amparos diversos nas diversas dimensões que habitamos e que nos habitam.

No entanto, acho necessário insistir na afirmação de que esta via do sensível ou sentimental não se opõe à via racional na construção cognitiva, pois ambos os processos instauram formas de aprender, de construir autoconhecimento em primeiro lugar, mas um autoconhecimento que permite e fomenta a abertura para o aprendizado do mundo.

Em sentido universalista, é possível tocar sentimentos muito variados, através de canções ou narrativas de povos distantes, de línguas diferentes. Conhecer outras dimensões do humano através da relação, da conexão com suas sensibilidades, é uma via potente para o aprendizado, pensado como processo comunicativo amplo e abarcador. Conhecer foi se mostrando, para mim, um processo de dinamização da minha própria consciência, através do choque e do estranhamento, ou da empatia e da convergência com outras maneiras de sentir e de ser. A descoberta tardia do binômio admiração-discordância¹¹ foi de grande utilidade para qualificar um processo que me era, de certa forma, inato.

Portanto, para que o conhecer seja tão abarcador é preciso que seja mental e sentimental, é preciso que seja muito mais complexo do que linear, e muito mais horizontal do que hierárquico. Como afirma a filósofa Tiburi (2015, p. 40),

10 O termo *sentipensar* é adotado pelo sociólogo colombiano Orlando Fals Borda (1925-2008), em diversos de seus textos. Trata-se de um neologismo inventado pelos pescadores da costa colombiana. Curiosamente, não parece distante de outro neologismo da Conscienciologia, *pensenizar*, cuja base é o *pensene*: acrônimo formado a partir de pensamento, sentimento e energia; conceito que está na base do pensamento conscienciológico e que visa demonstrar a interdependência entre os âmbitos que o compõe, ou seja, a constante e permanente retroalimentação entre o que sentimos, pensamos e agimos. Veja-se, como exemplo: FALS BORDA, Orlando. Una sociologia *sentipensante* para América Latina. Buenos Aires: CLACSO-Siglo XXI, 2015.

11 “O binômio admiração-discordância é o recurso linguístico para evidenciar a postura interconsciencial universalista onde a consciência mais madura já sabe viver em coexistência pacífica com outra consciência a quem ama, admira e, ao mesmo tempo, discorda frequentemente e em até 100% quanto aos seus pontos de vista, opiniões e posicionamentos. Sinonimologia: 1. Ambigüidade cosmoética. 2. Afinidade dos contrários. 3. Convivialidade universalista.” In: http://pt.conscienciopedia.org/index.php?title=Bin%C3%B4mio_admira%C3%A7%C3%A3o-discord%C3%A2ncia. Consultado em: 21 jul 2020.

“conhecimento é gesto cognitivo na direção do outro, do novo, do diferente, em uma palavra, do desconhecido.”

Porém, uma parte fundamental deste processo de construção cognitiva – que serve tanto para a construção de si pela auto-observação, como de aprendizado de si pela observação do mundo – está atrelada a outra habilidade: a de construir discernimento. O encontro com a diversidade cultural, que envolve simultaneamente o racional e o emocional, requer a extrema observação daquilo que é prioritário para a própria construção e, neste sentido, a habilidade de escolha e discernimento é imprescindível.

Segundo Mosé, leitora de Nietzsche e Deleuze, a consciência se constrói na ambiguidade entre lembrar e esquecer, como “uma grade interpretativa que traduz a vida para um universo específico de conceitos e valores e se tornou a instância moral por excelência” (Mosé, 2019, p. 46). Como um “estômago psíquico” (Mosé, 2019, p. 28) que precisa absorver e digerir as experiências comunicativas e, portanto, transitivas entre si mesmo(a) e o mundo, a consciência constrói-se como a instância que regula movimentos opostos, embora complementares: conservação e renovação. É, portanto, quem regula tanto a retenção que gera a lei, a ordem e a identidade, quanto a dispersão que promove a renovação e a ampliação interpretativa e cognitiva.

Neste jogo de forças e potências em constante e permanente tensão, mais do que “órgãos mais sutis que possam apreender a complexidade múltipla que se encontra em todas as manifestações da vida” (Mosé, 2019, p. 49) proponho pensarmos que o que nos falta é uma lucidez maior sobre esse funcionamento da consciência, gerenciador de dinâmicas tão complexas que, no entanto, encontraram na mentalidade ocidental um tratamento dicotômico e maniqueísta, marcado pela priorização de um em detrimento do outro. Historicamente, essa mentalidade vem priorizando a memória, a lei e a identidade – seu impulso retentor – e subjugando o esquecimento, o caos e a diversidade – seu impulso renovador. Em outras palavras, talvez o que nos falte seja o desenvolvimento – ele mesmo cognitivo – da habilidade de *mediar* entre essas funções tão extremas da consciência. Com *mediar* estamos falando da habilidade de discernir e dosar ambas as dimensões, estabelecendo, dessa maneira, uma dinâmica comunicativa que as reconheça como igualmente necessárias para a saúde da complexidade orgânica e psíquica, como também coletiva, que conforma o ser humano como ser político e social.

Há canções que entristecem e outras que alegam. Há textos que enraivecem e outros que esclarecem. Aqui é necessário introduzir o que venho chamando de *automediação*, uma habilidade desenvolvida junto, e em paralelo, com qualquer construção cognitiva. Automediar-se é criar discernimento, ou seja, aprimorar as escolhas internas a respeito do que os canais externos (os próprios sentidos, livros, música, redes sociais, etc.) possibilitam e fornecem. O conceito de autome-

dição seria, portanto, uma contribuição para qualificar a *relação de discernimento* com a realidade multidimensional (intra ou extrafísica). Tal relação define-se como “a manifestação social ou política característica da convivência avançada, competente, coerente, eficiente, qualificada, harmônica, justa e amadurecida das consciências quando em grupo, ou na grupocarmalidade democrática pura.”¹²

No fundo, trata-se de uma “antropofagia multidimensional”, tomando emprestada a elaboração de Oswald de Andrade (1890-1954), um dos escritores mais emblemáticos do modernismo brasileiro que propôs a antropofagia indígena como um conceito poético-político para, ironicamente, advogar a favor de uma “reação contra todas as indigestões de sabedoria” (Andrade, 1990, p. 45). Como “reação anticolonialista, deglutidora dos imperialismos” (Andrade, 1990, p. 28), a revolução caraíba defendida pelo autor propunha uma terapêutica utópica e ética para salvaguardar a autonomia cultural nativa.

Aqui nos permitimos ampliar sua conotação, com isso fomentando o trânsito por pontes interparadigmáticas, com a intenção de insistir na necessidade de discernimento que, para a renovação ética e estética proposta pelo modernismo brasileiro, poderia ser sintetizada na imagem antropofágica: devorar o outro para assimilar suas forças e habilidades, ao mesmo tempo descartando o que deste outro não me serve.

Assim, automediar-se para discernir qual alimento deverá ser digerido e qual descartado. Mas, em primeiro lugar, abrir-se à devoração do outro (Andrade, 1990), de seus mundos, aprendizados, sensibilidades, necessidades e dores. E então aprender a estabelecer as conexões que qualifiquem, que ampliem o próprio crescimento e, conseqüentemente, o amadurecimento pessoal e coletivo.

Ressalte-se que, para esse texto, discernimento é um valor e uma prática advindos do processo de autoconstruir-se em coerência com as diversas experiências e percepções que compõem nossa subjetividade. Deve ser, portanto, próprio e vinculado às experiências que nos conformam em muitos níveis. Para que seja próprio, ou seja, construído à medida da necessidade de cada consciência, não pode estar atrelado às normas ou paradigmas hegemônicos, estabelecidos pelo *status quo* ou pela geopolítica do conhecimento. Deve constituir-se como habilidade fomentada em âmbito pessoal, intercultural, universalista, pois deve responder às sinapses que o encontro com a diversidade promove e propicia em cada um de nós. Discernimento, portanto, como habilidade cognitiva coerente com interesses e trajetórias próprias e únicas.

Conhecer, neste sentido, é processo absolutamente vinculado à abertura para a diversidade, pois é esta condição que forçará novas sinapses, novos choques e fricções, para que se abram portas perceptivas, cognitivas. Aprender, conhecer,

12 In: VIEIRA, Waldo (Org.). Enciclopédia da Conscienciologia. Verbetes N. 1769, apresentado no Tertulium / CEAEC; Foz do Iguaçu, PR; 06.12.2010; disponível em: <<http://encyclossapiens.space/buscaverbete/index.php>>; acesso em:03.09.2020.

necessariamente é um movimento que conecta, em primeiro lugar, os mundos interno e externo, ou as diversas dimensões que nos conformam.

2. VIVÊNCIAS PESSOAIS E DOCÊNCIA

Essas elaborações partem da minha própria experiência formativa, que agora me permito relatar com um pouco mais de detalhes. Terminada a graduação em Letras (Português-Espanhol), pensei que seria importante ir a um país de fala espanhola, para aprimorar e testar meus anos dedicados à aprendizagem desse idioma. O óbvio seria ir à Espanha, país de referência na universidade, embora estejamos cercados por países hispano-falantes. Como eu não tinha condições financeiras para uma viagem à Europa, decidi ir ao Peru, pois além da língua espanhola eu poderia acessar também Machu-Picchu, um lugar turístico que sempre me atraía.

A confiança em determinadas convicções que podem parecer aleatórias, mas de fato respondem a um planejamento intuitivo, é imprescindível para escolhas que certamente promoverão viradas de rumos, saltos cognitivos. Ir ao Peru sozinha, como mochileira, na década de 1990, em plena atuação do grupo guerrilheiro Sendero Luminoso¹³, era uma loucura para muitas pessoas. Além do perigo, do risco, não tinha o glamour de ir à Espanha, ou até mesmo à Argentina. Mas essa foi minha escolha, baseando-me na percepção íntima, na bússola interna que apontava naquela direção. Todo o caminho foi amparado de muitas e diversas maneiras (intra e extrafísicas) e me possibilitou vivenciar – nessa primeira viagem para outro país, para longe da minha realidade do subúrbio do Rio de Janeiro – uma virada fundamental.

Essa viagem possibilitou-me não apenas o “treino” da língua espanhola, mas a descoberta da língua quéchua e de uma história e cultura das quais eu não sabia quase nada. Conectar-me com aquele lugar e com o holopense (ou o egrégora) da cidade de Cusco foi realmente arriscado, no sentido de que me despertou retrocognições dolorosas, que passaram a acompanhar-me desde então. As percepções, sensações e visões que tive nessa primeira viagem determinaram, concretamente, qual seria o meu projeto de mestrado e, na verdade, uma grande parte do meu projeto de vida. Em termos conscienciológicos, permitiram-me acessar pontos fundamentais da minha proéxis (programação existencial) ou do meu “mandato existencial”, “propósito” ou “missão de vida”, como se queira denominar.

13 “Grupo de guerrilha peruano criado durante os anos de 1960, o Sendero Luminoso tem inspiração maoísta e foi formado por um grupo de intelectuais, entre eles, Abimael Guzmán, que lecionava filosofia na Universidade de Ayacucho. Em português, o significado do nome do partido é “Caminho Iluminado”, título colocado para diferenciá-lo de outros partidos comunistas da época. Ainda nos anos 80, o grupo expande seu número de participantes e aumenta suas áreas de ocupação, que agregavam o Sul e a região central peruana, além da área suburbana de Lima.” In: <https://www.infoescola.com/curiosidades/sendero-luminoso/> Consultado em: 21 jul 2020.

A partir dessa experiência, a formação acadêmica encontrava-se claramente vinculada ao meu processo de crescimento humano, pessoal, pois, por meio do estudo da obra poética de um autor peruano, eu me propunha a compreender as percepções que tivera em Cusco, capital do Tahuantinsuyo, equivocadamente chamado “Império Inca”¹⁴. Em outras palavras, a decisão de ingressar no Mestrado me possibilitou conectar, na escrita de uma dissertação acadêmica, minha forma particular e a forma institucional de aprender, sem que isso gerasse um conflito.

Mas antes, ainda na graduação, obtive uma bolsa de iniciação científica com uma professora que se dispôs a me orientar em um projeto escrito por mim mesma, que ia na mesma direção: minhas percepções cognoscentes vinculadas aos interesses acadêmicos. Realmente tive a ‘sorte’ – ou o grande amparo – de encontrar professoras, ao longo da minha trajetória, que souberam respeitar e valorizar minha autonomia ao selecionar o que estudar e de que maneira fazê-lo.

Portanto, desde a graduação até o doutorado, foram minhas inquietações íntimas (existenciais, sensíveis, espirituais) que direcionaram aquilo que, posteriormente, se transformaria em dissertações, teses, artigos. O estudo formal da poesia, como linguagem construtora de realidades – sejam elas históricas, sociais ou subjetivas – vem me propiciando a ampliação dos modos de conhecer e elaborar o aprendizado, pois “o desenvolvimento da linguagem é também a ampliação do sistema cognitivo”. (Mosé, 2019, p. 57)

É nesse sentido que afirmo ser possível estabelecer um movimento complementar entre autopesquisa e pesquisa acadêmica, entre auto-observação e bibliografia acadêmica, entre sensibilidade pessoal e possibilidades institucionalizadas. Há pouco conheci o termo “projeto de vida” como parte de processos pedagógicos, e ele veio a acoplar-se, perfeitamente, ao meu processo e ao que procuro fomentar com meus/minhas discentes, na Universidade.

Porém, para que essa perspectiva de ajuste e adequação de conteúdos e métodos funcione de maneira coerente e produtiva, é fundamental que a habilidade de automediação seja intensamente fomentada. Automediar-se para compreender quais motivações próprias devem ser priorizadas na adequação aos conteúdos e métodos institucionalizados; automediar-se para compreender, também, quais os conteúdos e métodos institucionalizados podem e devem ser esgarçados, ampliados, para que neles entrem as prioridades próprias. Este talvez seja o movimento mais difícil de todo esse processo de construção cognitiva, pois transformar o aprendizado formal em projeto de vida necessariamente inclui ampliar e até mesmo reinventar o aprendizado formal.

Portanto, ao longo de uma trajetória acadêmica há vários pontos que devem ser observados e, com o máximo de lucidez possível, mediados. No entanto,

14 É um equívoco linguístico e político denominar de Império ao Tahuantinsuyo, pois este tinha suas especificidades estruturais e organizacionais, bastante diferentes do que configura a categoria de império para o ocidente.

talvez se resumam à mediação entre prioridades pessoais multidimensionais (do âmbito existencial, sensível, subjetivo ou espiritual) e prioridades de conteúdos e métodos consagrados e institucionalizados. A meu ver, a preocupação com este ajuste entre autopesquisa e pesquisa escolar ou acadêmica deveria perpassar as práticas de todos os níveis de ensino e aprendizagem.

Para sobreviver a este embate, e transformar o conflito em oportunidade de crescimento, considero que se há de contar com ao menos dois apoios basilares: o primeiro apoio é a própria habilidade de automediar-se e, com isso, encontrar as brechas do sistema instaurado; mas, por outro lado, encontrar as brechas das suas próprias prioridades, para que possam se adequar à realidade institucional. O segundo apoio, a meu ver, deve nascer do próprio sistema educativo mediante políticas públicas que visem fornecer essas brechas, ao abrir portas (por menores que sejam) para que a diversidade – de tanto formas de aprender como de prioridades de estudo – penetrem no seu sistema. E, nesse ponto, são os/as docentes e gestores/as que têm total responsabilidade.

Tanto estudantes quanto docentes e gestores/as também precisarão automediar-se para não chegarem a (auto)medicar-se, pois o conflito que não encontra estratégias criativas e portanto ampliadoras, certamente reforça o enorme grau de adoecimento que hoje é vivido pela comunidade acadêmica como um todo.

Essa perspectiva não desconhece os inúmeros fatores sócio-políticos que incidem cada vez mais na depreciação da carreira do magistério, na desvalorização da ciência ou da educação como um todo, como causas dos inúmeros problemas de saúde mental e física que hoje nos acometem. Porém, visa complementar esse cenário a partir da visualização de outros fatores, mais internos e subjetivos, que se retroalimentam na interação com os condicionantes externos.

3. AUTOMEDIAR-SE PARA APRENDER E ENSINAR

Automediar-se é, portanto, condição fundamental, habilidade principal a ser desenvolvida por aqueles/as que queiram ou que precisem “mudar o mundo.” A emblemática frase que, hoje, constitui uma utopia educativa, social e política, disseminada a partir do movimento Zapatista do México¹⁵, de trabalhar “por um mundo onde caibam todos os mundos” é fruto de experiências concretas de vidas que não se adequam às condições de ensinar e aprender endurecidas, fossilizadas pelas instituições educativas, em sua maioria. Um movimento que inspira

15.“Su primera aparición pública, el 1 de enero de 1994, provocó un desplazamiento de la política y de los sentidos de realidad. Los zapatistas no tenían un discurso inflamado; no tomaron las cinco ciudades de Chiapas para militarizarlas, sino para evidenciar la ilegitimidad del poder político; no se levantaron en armas para hacer la guerra sino para hacer política; sus armas eran sobretudo simbólicas; no hablaban de la toma del poder sino de la toma de la palabra; no llamaban a unirse al Ejército Zapatista sino a luchar cada quien en su lugar y de acuerdo con sus criterios y experiencias, por libertad, democracia y justicia; no eran la gran vanguardia revolucionaria, sino que se llamaban a sí mismos ‘los más pequeños’ Protagonizaban una rebelión diferente, y lo hacían a su manera.”(Ceceña,2008, pp.108-109).

a “troca de lentes” para ver a justiça, a política e a educação do continente a partir de paradigmas restaurativos e não violentos.

Se esta frase reverbera de modo tão profícuo é sinal de que há muitas pessoas que sentem (ou entendem) a potência que ela traduz. É cada vez mais notória a necessidade de mudanças nas formas de ensinar e aprender. E há, também, cada vez mais pessoas dispostas a trabalhar esse conflito, ao trazer seus projetos de vida para dentro do ambiente educacional. No momento atual, diante de uma inaudita pandemia que traz consigo isolamento social e risco de vida real, será ainda mais urgente refletir sobre tais mudanças e fomentar ações nessa direção. É nesse ponto que muitas de nossas boas intenções não encontrarão respostas, não encontrarão caminhos já trilhados para serem seguidos. A consequência mais imediata é de ordem emocional: medo, ansiedade e angústia. Por isso, reforço novamente a ideia de automediação, para que as boas intenções não se transformem em violentos e agressivos movimentos ou em frustradas ações, ou ainda em desejos inertes.

Considero que cada pessoa precisa encontrar sua própria medida de ousadia e adequação (quem sabe como um desdobramento do binômio admiração-discordância, nesse caso aplicado a si mesmo/a). Consequentemente, encontrar o momento certo de investir mais em ousadia ou mais em adequação, de modo a manter segura a sua saúde mental, o seu equilíbrio psíquico, mas sobre tudo o seu projeto de vida. Talvez não haja nada que adoeça mais a condição vital do que ter os seus “sonhos”, o projeto de vida, relegados a funcionalidades mecanizadas, ao *modus operandi* estabilizado por agentes externos a si mesmo/a.

Então, como mover-se na realidade conflitiva, promotora dos mais diversos embates entre as prioridades pessoais e a sistemática institucional, cada vez mais tecnocrática? Para mim, a resposta se inicia no fomento à automediação, embora não acabe aqui. Não há respostas únicas, fórmulas ou verdades. O que há são desejos, afetos, ideias e extrapolações que pretendem dinamizar processos cognitivos e seus agentes. O que venho compartilhar aqui é fruto dos meus próprios conflitos, dos enfrentamentos que venho tendo ao longo da minha trajetória. Alguns destes conflitos eu consegui transformar em oportunidades de avanços significativos, hoje são meus traços-força (trafores), minhas fortalezas. Outros, ainda não.

A mim me cabe, como a qualquer pessoa, automediar-me cada vez que me renovo ou me frustro. O que não é recomendável é simplesmente acomodar-se em fórmulas obsoletas como, por exemplo, aceitar passivamente o papel de vítima em processos de vitimização que ganham em dramaticidade e perdem em mudanças efetivas¹⁶. Ou, por outro lado, projetar minha raiva das limitações impostas pelo sistema nos colegas ao meu lado, ou naquele que está, temporariamente (como eu mesma estive e/ou estarei), em alguma posição de chefia.

16. Ver Fabiane Lima https://www.youtube.com/watch?v=_HSN7Bs0Qao. Consultado em 11 de ago 2020.

Cada qual é responsável por seu atuar, ou pela negligência em fazê-lo, sob quaisquer circunstâncias. E isso não significa desconhecer a assimetria de poder entre discentes e docentes, ou entre estes e o sistema educativo, político e econômico. Mas sim reconhecer que em qualquer muro há brechas. E em qualquer vida há sonhos, ideias, desejos e afetos que precisam estar em movimento, que precisam ser dinamizados, compreendidos e vivenciados.

Não somos apenas vida biológica, mas vida sensível e política, vida pessoal em sintonia ou em confronto com o coletivo familiar, social e profissional (partes de um grande processo evolutivo que aspira ao pleno desenvolvimento da chamada inteligência emocional, amor universal, fraternidade, solidariedade, ética do cuidado, consciência planetária, etc.). Como transformar esse conflito inato e inerente à condição humana em vida criativa e oportunidade de ampliação dos mundos particulares, mas também dos mundos coletivos? Não há caminhos postos, teremos que construí-lo, e para isso a automediação, promotora do discernimento, é condição *sine qua non* para a nossa integração consciente nesse fluxo que, ao fim e ao cabo, é a vida em sua complexidade.

ALGUMAS CONCLUSÕES EM CURSO

Este ensaio teve por objetivo compartilhar ideias elaboradas e postas em prática na minha trajetória discente e, posteriormente, na minha atuação docente, para então refletir sobre o desenvolvimento da cognição como processo, como aprendizado que se constitui como ato evolutivo pessoal e também social. Já finalizando, incluo-me no grupo de pessoas que aspiram intervir no seu momento histórico com a intenção de torná-lo mais cosmoético e menos desigual, o que não significa desconhecer que também há pessoas que não querem tais alterações. E mais, que fazem questão de trabalhar arduamente para que nada mude. Também para elas a automediação é fundamental, pois apenas escutando-se a si mesmas elas poderão escutar o seu entorno. Apenas em contato com suas próprias dores e conflitos tão sufocados, poderão construir empatia com as dores alheias, para então abrir-se à interação com a diversidade.

Precisamos aprender a nos relacionar com essas pessoas, cujo fechadismo bloqueia ou limita as interações. E tais relações precisam encontrar caminhos criativos, pois o isolamento – na lógica hegemônica de disputa entre “nós” e “eles”, entre “aliados” e “inimigos” – construiu a realidade que hoje habitamos, essa normalidade para a qual não queremos retornar. Precisamos, portanto, construir formas e procedimentos de comunicação e interação com aqueles/as que acreditam na Terra plana, que negam a importância da ciência e até mesmo da educação, ou seja, com pessoas que vivem na mais simplória e empobrecida relação consigo mesmos/as, com a vida e o mundo, pois “os afetos fazem parte de processos de cognição e formação subjetiva. [...] Amar se aprende amando. Odiar se aprende odiando” (Tiburi, 2015, p.33).

Olhar os seres humanos com benevolência não é caridade, ingenuidade ou qualquer outra coisa do gênero, é parte da inteligência evolutiva, pois está cada vez mais claro que há conexões entre todos os sistemas de vida do Planeta. Em outras palavras: toda pessoa é agente em uma rede constituída por fluxos e dinâmicas de extrema complexidade. Todas têm agência sobre seus movimentos e, portanto, geram consequências que serão mais ou menos positivas para o conjunto.

Para a construção de uma nova ética, de um pacto coletivo dirigido por valores que priorizem a convivência sadia e criativa entre os seres, é necessário romper as bolhas que isolam e afastam; é imprescindível interagir com pessoas que temem tanto a vida que chegam ao ponto de bloqueá-la. Segundo Tiburi o diálogo, como regime de pensamento e prática coletiva, poderia funcionar como um “método existencialmente útil no cotidiano”, pois “o diálogo é uma prática de escala miúda que poderia inspirar escalas maiores. Instaurador do comum, ele deveria ser a base de uma ética do dia a dia, aquele lugar de me tornar quem sou. A ética seria uma boa base de construção de outra política” (Tiburi, 2015, p. 28).

Por sua vez, da “escala miúda” do cotidiano podemos ir avançando, pouco a pouco, para graus que complexifiquem ainda mais a condição relacional dos seres que habitam as diversas dimensões da vida. Da ética à cosmoética, para chegar a atuar como consciência política voltada para “a compreensão, tirocínio e talento para entender, governar, dirigir, organizar e administrar, teaticamente, personalidades, realidades, empreendimentos, negócios e contingenciamentos pessoais, públicos ou coletivos da vida individual ou do Estado, em si”¹⁷. É preciso coragem para enfrentar-se ao devir, ao inusitado. É preciso autoconhecimento, mas não só isso, é preciso automediação e um profundo compromisso com o seu próprio código pessoal de cosmoética¹⁸.

REFERÊNCIAS

- Andrade, Oswald de. (1990). *A utopia antropofágica*. SP: Globo; Secretaria de Estado da Cultura.
- Ceceña, Ana Esther. (2008). *Derivas del mundo en el que caben todos los mundos*. México: Siglo XXI: CLACSO.
- Japiassú, H.; Marcondes, D. (2001). *Dicionário Básico de Filosofia*. RJ: Jorge Zahar Editor.
- Kauati, Adriana. (2016). Autopesquisa Através da Extrapolação Interparadigmática. p. 11-21. *Interparadigmas*, Ano 4, N. 4.
- Morin, Edgar. (2005). *Ciência com Consciência*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

17 Waldo Vieira/Cosmoética: O Que É A Cosmoética? <https://www.youtube.com/watch?v=91IiYL8Igdw>. Também: <https://drive.google.com/file/d/1D-Xvfu8fXC3OEBDTXSFw14gaCTsvk8Be/view>. Ambos consultados em 11 de ago 2020.

Código pessoal de cosmoética. In: VIEIRA, Waldo (Org.). Enciclopédia da Conscienciologia. Tertulia N.234, apresentado no Tertularium / CEAEC; Foz do Iguaçu, PR; 13.05.2006; disponível em: <http://encyclossapiens.space/buscaverbete/index.php>>; acesso em:07.10.2020.

18 Código pessoal de cosmoética. In: VIEIRA, Waldo (Org.). Enciclopédia da Conscienciologia. Tertulia N.234, apresentado no Tertularium / CEAEC; Foz do Iguaçu, PR; 13.05.2006; disponível em: <http://encyclossapiens.space/buscaverbete/index.php>>; acesso em:07.10.2020.

Mosé, Viviane. (2019). *A espécie que Sabe. Do Homo Sapiens à Crise da Razão*. Petrópolis, RJ: Vozes.

Nicolau, Cida. (2017). *Clarividência viajora*. In: VIEIRA, Waldo (Org.). *Enciclopédia da Conscienciologia*. Tertulia N. 4198, apresentado no Tertuliarium / CEAEC; Foz do Iguaçu, PR; disponível em: <<http://encyclossapiens.space/buscaverbete/index.php>>.

Pereira, Diana A. (2018). “*Escritas de Si – Sobre Alteridades e Mediações*”. In: *Revista de Literatura, História e Memória*. Vol. 14 nº 23, p. 43-57.

Rodrigues, Leonardo. (2016). *Amparador Intrafísico*. In: VIEIRA, Waldo (Org.). *Enciclopédia da Conscienciologia*. Tertulia N. 3651, apresentado no Tertuliarium / CEAEC; Foz do Iguaçu, PR; disponível em: <<http://encyclossapiens.space/buscaverbete/index.php>>.

Silva, Marcelo. (2017). *Conscienciologia – Ciência: Megaparadoxo e Ilusão da Ciência Convencional*. In: <https://www.youtube.com/watch?v=ktqEPILoTio>.

Tiburi, Marcia. (2015). *Como conversar com um fascista. Reflexões sobre o cotidiano autoritário brasileiro*. Rio de Janeiro: Record.

Vieira, Waldo. (2007). *Homo sapiens pacificus*. Foz do Iguaçu: Associação Internacional do Centro de Altos Estudos da Conscienciologia – CEAEC.

_____. *Cosmoética: O Que É A Cosmoética?* Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=91liYL8Igdw>.

_____. (2005). *Abertismo Conscencial*. In: VIEIRA, Waldo (Org.). *Enciclopédia da Conscienciologia*. Tertulia N. 1, apresentado no Tertuliarium / CEAEC; Foz do Iguaçu, PR; disponível em: <<http://encyclossapiens.space/buscaverbete/index.php>>

_____. (2008). *Amparador Extrafísico*. In: VIEIRA, Waldo (Org.). *Enciclopédia da Conscienciologia*. Tertulia N. 927, apresentado no Tertuliarium / CEAEC; Foz do Iguaçu, PR; disponível em: <<http://encyclossapiens.space/buscaverbete/index.php>>

_____. (2011). *Binômio admiração-discordância*. In: VIEIRA, Waldo (Org.). *Enciclopédia da Conscienciologia*. Tertulia N.2147, apresentado no Tertuliarium / CEAEC; Foz do Iguaçu, PR; disponível em: <<http://encyclossapiens.space/buscaverbete/index.php>>

_____. (2006). *Código pessoal de cosmoética*. In: VIEIRA, Waldo (Org.). *Enciclopédia da Conscienciologia*. Tertulia N.234, apresentado no Tertuliarium / CEAEC; Foz do Iguaçu, PR; disponível em: <<http://encyclossapiens.space/buscaverbete/index.php>>

_____. (2006). *Consciência Cosmoética*. In: VIEIRA, Waldo (Org.). *Enciclopédia da Conscienciologia*. Verbetes N. 167, apresentado no Tertuliarium / CEAEC; Foz do Iguaçu, PR; disponível em: <<http://encyclossapiens.space/buscaverbete/index.php>>

_____. (2010). *Relação de discernimento*. In: VIEIRA, Waldo (Org.). *Enciclopédia da Conscienciologia*. Verbetes N. 1769, apresentado no Tertuliarium / CEAEC; Foz do Iguaçu, PR; 06.12.; disponível em: <<http://encyclossapiens.space/buscaverbete/index.php>>

Zaslavsky, Alexandre. (2017). *Ponte Interparadigmática*. In: VIEIRA, Waldo (Org.). *Enciclopédia da Conscienciologia*. Verbetes N. 4276, apresentado no Tertuliarium / CEAEC; Foz do Iguaçu, PR; disponível em: <<http://encyclossapiens.space/buscaverbete/index.php>>

Diana Araujo Pereira é Professora de Literatura Latino-americana e Mediação Cultural da Universidade Federal da Integração Latino-Americana. Graduada em Português-Espanhol (1998), Mestrado em Língua e Literaturas Hispânicas (2002) e Doutorado em Literaturas Hispânicas pela UFRJ, com período de Doutorado Sanduíche (Capes) na Universidad de Sevilla (2007). De 2008 a 2010 realizou estágio pós-doutoral na UFRJ (PRODOC-Capes). É tradutora e poeta. Foi Pró-Reitora de Relações Institucionais e Internacionais (UNILA), Presidenta da Associação Brasileira de Hispanistas (2014-2016), Coordenadora do Instituto Mercosul de Estudos Avançados – IMEA-UNILA e Coordenadora do Curso Letras – Artes e Mediação Cultural, do Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História (ILAACH-UNILA). Entre suas publicações destacam-se os últimos livros organizados: *Cartografia imaginária da Tríplice Fronteira* (SP: Dobra, 2014), *Imaginários coloniais: continuidades e rupturas na América Latina contemporânea* (SP: Dobra, 2015) e *Poéticas e Políticas da linguagem em vias de descolonização* (São Carlos: Pedro & João, 2017); além de seus últimos poemários: *Horizontes Partidos* (NY: Artepoética Press, 2016), *La piel de los caminos y otros poemas* (Bogotá: Biblioteca Libanense de Cultura, 2017) e o romance *Fábula do (fim e do) começo do mundo* (Curitiba: Medusa, 2020). Suas áreas de pesquisa são: Mediação cultural, poesia latino-americana, fronteiras e interculturalidade. Atualmente é Coordenadora do Mestrado Interdisciplinar em Estudos Latino-Americanos (PPGIELA-UNILA).

